

LÁGRIMAS, DOR E DESOLAÇÃO: SUJEITOS E REPRESENTAÇÕES NA SOLENE PROCISSÃO DOS PASSOS EM SÃO CRISTÓVÃO

Magno Francisco de Jesus Santos NPGED/UFS

magnohistoria@gmail.com

Resumo

Na quaresma, São Cristóvão passa por um processo de transformação de seu cenário urbano com a realização da procissão do Senhor dos Passos, reunindo romeiros pobres e ricos em volta da misteriosa imagem. Neste artigo temos o propósito de compreender as representações de dor na procissão. O sofrimento expresso na imagem é associada às inúmeras dores do povo sofrido de Sergipe, do *Homo Christophorus*, abraçando o andor como um Cirino.

Palavras-chave: religiosidade, identidade, sofrimento.

Introdução

Pense no cenário. Ruas estreitas e tortuosas, repletas de casarões e sobrados em estilo barroco colonial. Altares portáteis montados nas principais ruas da cidade, com imagens em tamanho natural. Igrejas repletas de romeiros e ex-votos, além de tecidos roxos expostos nas janelas e sacadas dos velhos casarões.

Imaginem a cena. Romeiros chegando de todas as localidades, convergindo ao santuário. Promesseiros de roxo, descalços, depositando cabelos, fitas, túnicas, fotografias e esculturas como ex-votos. Corpos rolando pelas igrejas e ruas, joelhos ensangüentados lavando as mesmas. Delírio e devoção, toque nos pés, mãos, cordas e mantos das imagens. Devotos engatinhando para passar por baixo dos andores. Olhos marejados suplicando graças. Sinos ritmando os passos das procissões. Empurrões, sacrifícios e até discussões para carregar o andor do santo.

Ouçam a festa. Sinos em dobres fúnebres convocando os fiéis. Canto dos Passos em Latim. Procissões com mais de 40 mil em pleno ou quase pleno silêncio. Súplicas silenciosas por graças. Ofícios, terços e orações dedicadas aos Passos da Paixão. Lamento cantado dos pedintes clamando atenção dos “romeirinhos”.

A que período estamos nos referindo? Seria a Europa Medieval do catolicismo dominante, ou do Brasil Colônia? Não. Trata-se da cidade de São Cristóvão, estado de Sergipe em pleno século XXI, com a tradicional e imponente solenidade de Nosso Senhor dos Passos.

Desde o século XIX (e possivelmente, desde o século XVIII), a referida solenidade é considerada uma das principais celebrações religiosas de Sergipe. Romeiros de diferentes localidades sergipanas se deslocam rumo à Velha Capital com o intuito de render agradecimentos ao Senhor dos Passos. No segundo final de semana da Quaresma, todos os caminhos levam a São Cristóvão.

O propósito desta conversa é compreender a procissão do Senhor dos Passos a partir da relação de identidade devoto/imagem e as representações das lágrimas. O foco central da discussão é a participação dos romeiros carregadores do andor do Senhor dos Passos. Trata-se de pessoas que participam da solenidade há mais de três décadas, sempre carregando sobre os ombros o pesado andor da imagem devocional. Esses devotos são oriundos das mais variadas localidades, como Lagarto, Itabaiana, Aracaju, Laranjeiras, Alagoinhas e de São Cristóvão. O que une esses participantes é fato de fazerem questão de acompanhar o cortejo processional carregando a pesada charola, sempre na mesma posição, lado a lado com seus companheiros de fé.

Semanas antes dos dias sagrados os romeiros iniciam a organização de sua caminhada. Encomendas para todos os lados: ex-voto de diferentes tipos, mortalhas quase sempre de cor roxa, acerta com o transporte e na véspera da procissão, as refeições, guloseimas de romeiros que buscam a redenção.

Esses romeiros se deslocam de suas localidades, todos os anos, ao se aproximar o segundo final de semana da quaresma rumo à insólita cidade de São Cristóvão, para reviver os últimos momentos da Paixão de Cristo. De carro, ônibus, caminhão ou mesmo a pé, os romeiros seguem na ânsia de encontrar-se com o santo protetor, símbolo do sofrimento social. É o momento de uma grande celebração, de uma festa diferente pelo caráter lúgubre. Trata-se de uma festa triste.

A festa pode ser entendida, na perspectiva de Mary Del Priore, metaforicamente como um espelho social, no qual estão refletidos todos os aspectos da sociedade a qual

está inserida. Na festa, a sociedade se mostra, com seus interesses, desejos, sonhos e por que não, com suas relações de poder.

Partindo desta concepção, podemos dizer que a festa é uma auto-imagem da sociedade que a realiza. Mas não é só uma construção ou reflexo da sociedade, é também uma memória, um testemunho ainda pouco valorizado pelos historiadores. Devemos lembrar que eventos como esse que se debruça sobre o universo das celebrações de uma paróquia de quatro séculos demonstram que essa realidade vem sendo aos poucos transformada.

A procissão do Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão, primeira capital de Sergipe, apresenta algumas características diferenciadoras de outras festas. A primeira é o fato dela lembrar os últimos momentos de Cristo, o árduo caminho do Calvário, os sete passos da Paixão. Neste sentido, se trata de uma festividade que rememora as dores do Cristo sofredor, personificado com a imagem do Senhor dos Passos. A imagem representa Jesus ajoelhado com a cruz sobre os ombros. É uma celebração de dor.

A segunda questão é a intimidade devoto/imagem. A solenidade dos Passos é marcada pela forte presença dos romeiros beijando, tocando ou até mesmo conversando intimamente com o Senhor dos Passos. Em todos os momentos do evento o diálogo está presente.

Foi na segunda domingo da quaresma do anno da graça de 1886, que Marfório o viu (o Senhor dos Passos) pela primeira e única vez. Será a última? Marfório tinha então sangue na guelra, era rapaz, alimentava esperanças, illusões, sonhos de oiro, pensava que tinha talento. Na véspera da festa fui à Ordem Terceira do Carmo para ver de perto, demoradamente e só, a bella esculptura do Christo. Não tive o prazer de fazer sosinho o meu estudo. Lá estava o armador Luiz Pitanga enfeitando a charola, pregando e collando e, segundos depois, chegava assobiando, o José Pedro que dirigindo-se para o lado do andor, dizia familiarmente:

Bom dia Senhor.

Bom dia, seu capitão; respondia o Pitanga.

Não é com o senhor que eu falo, é com o Senhor dos Passos; retrucou o velho dos assobios.

Marfório não pode conter-se, desabalou-se numa das gargalhadas das do Arthur Fortes e retirou-se (BESSA, 1915, p. 1).

O que esse depoimento pode nos revelar, além de ser uma situação cômica, a fala de Bessa demonstra que na solenidade de Passos predomina o imaginário barroco,

no qual atores e platéia se misturam, imagem e sujeitos dialogam, seres inanimados se tornam personificados.

Outro indício revelado pela documentação é da relação entre o caráter penitencial da procissão com o elevado número de romeiros? De quem são as dores celebradas, afinal, do Senhor dos Passos ou dos devotos?

A procissão relembra os martírios de Cristo causados pelos pecados da humanidade. O pesado madeiro sobre os ombros do Senhor representam a remissão dos pecados, a salvação. O Cristo sofre pela salvação da humanidade. Essa situação causa no romeiro um misto de esperança e culpa. Ao mesmo tempo em que os devotos esperam salvar-se através do toque ou apenas com uma rápida “troca” de olhar com a imagem, eles se sentem culpados pelo doloroso sofrimento do Senhor. Afinal, a imensa cruz representa os pecados da humanidade.

Como amenizar o sentimento de culpa? Compartilhando as dores com o Senhor dos Passos, seja com sacrifícios e práticas ex-votivas, seja carregando a charola prateada dos Passos. Nesta ocasião trataremos especificamente dos carregadores do andor.

A partir da observação da procissão dos últimos anos, percebemos que o andor do Senhor dos Passos é transportado pelo mesmo grupo de pessoas, que horas antes da saída do cortejo começam a chegar, procurando um lugar próximo ao andor. O objetivo nem sempre é carregar sobre os ombros um dos varões da charola, mas muitas vezes, somente poder acompanhar a procissão segurando-a.

Ter sobre os ombros o andor do Senhor dos Passos nas ocasiões dos cortejos processionais é uma regalia disputadíssima. Apertos, empurrões, cheiro de cabelos queimados fazem parte do universo processional dos Passos.

Alguns romeiros alegam participar da procissão a mais de trinta anos, cumprindo fielmente a penitência. São pessoas simples, vindas de diferentes pontos de Sergipe e Bahia, para cumprir a dolorosa obrigação.

Carregar a charola do Cristo martirizado possui uma relevante carga simbólica. O varão sobre os ombros dos romeiros simboliza o madeiro carregado por Cristo. É como se fosse uma tentativa de amenizar o sofrimento do salvador. Neste sentido, os devotos-transportadores estariam cumprindo uma função relevante dentro da

teatralidade barroca dos Passos, pois estariam representando ou repetindo o ato do cirineu. Trata-se, portanto, do homem sofrido do interior sergipano ajudando a transportar o Senhor dos Passos, silencioso, sem reclamar das pisadas sobre os pés descalços e calejados, dos empurrões, do aperto, ou mesmo do mau-cheiro provocado pelos cabelos queimados.

Neste caso, o sofrimento do Senhor dos Passos é compartilhado com o público/devoto. O sofrimento no trajeto processional aproxima o devoto do sagrado, por conseguinte das bênçãos almejadas.

Mas a conhecida festa de Passos possui outras dores. São múltiplos passos, propiciadores de múltiplas leituras. Não esquecendo que a festa reflete as faces ocultas da sociedade, podemos compreender o elevado número de devotos do Senhor dos Passos também pela simbologia do evento.

Isso porque as dores na celebração não são exclusivas do Senhor dos Passos. As dores representam o cotidiano sofrido do romeiro, caracterizado pela pobreza, abandono e esquecimento. A maior parte dos romeiros sofre os martírios da exclusão social. É assim que ocorre a simbiose entre a imagem e o devoto. A dor aproxima o romeiro do Cristo sofredor.

Este devoto excluído socialmente busca compensar seu abandono na participação ativa na solenidade de Passos. São anônimos atuantes, que se tornam membros ativos da festa, segurando ganchos, empurrando os cavaletes, vigiando as flores do andor, velando o Senhor. Ao transportar a charola do Senhor dos Passos, o romeiro transporta sua própria dor. O peso do madeiro soma-se ao peso dos inúmeros romeiros pendurados na charola, revivendo diferentes dramas sociais.

Assim emerge a identidade devoto/imagem. Todos sacrificam, destituem suas forças no transporte da cruz. O romeiro transportador é metaforicamente transformado no personagem Simão, responsável pelo auxílio ao divino.

Mas as lágrimas são muitas e emergem discretamente em diferentes faces. A começar pelas imagens. Na trama barroca dos Passos não é o Cristo ajoelhado e atormentado pelo martírio que chora. A imagem do Senhor dos Passos exhibe o divino humanizado pelo sofrimento, mas que ainda mostra-se divino. A face sofrida e desolada representa um sofrimento necessário, uma dor que traria algo maior. As lágrimas não

estão nas faces arroxeadas do Cristo. Elas aparecem discretamente na imagem de Nossa Senhora da Soledade, representativa das dores marianas. A imagem da Virgem Mãe expressa a dores da humanidade. Os olhos fitos e cabisbaixos, o lenço entre as mãos e o rosto angustiado, emergindo no cenário do nicho entre as cortinas puxadas por anjos em esforço dantesco são sinais dos atributos femininos no drama dos Passos, como pode ser observado na Figura I:

Figura I
Imagem de Nossa Senhora da Soledade de São Cristóvão



FOTO: Ane Luíse Silva Mecnas. Acervo particular do autor.

Maria, no ato solene dos Passos é o elemento que se aproxima ainda mais dos devotos. Trata-se da mulher que chora as dores do filho e também da humanidade, junto a mesma. Isso aparece na descrição de Serafim Santiago.

O vigário Jozé Gonçalves barrozo, que surgia no púlpito e lançava um olhar perscrutador sobre sobre o enorme audictório que enchia a grande praça do Palácio

e precipiava a falar, prendendo a tenção do inmesoe já citado auditorio e dizia: O voz todos, que passais por aqui, attendei, e considerai, se há dor igual a minha dor e afflicção. Ao pronunciar estas afflitas e angustiosas palavras palavras arrancava lágrimas da maior parte dos ouvintes. Em acto continuo dizia elle em latim: o voz omnes qui transites per viam attendite, et videte, se est dlor sicut dolor meus. Era nesse momento que subia em uma cadeira a fim de ser vita por todos, a Senhor-pia, que ouvindo ferir o tom do violino do Maestro – Firmiano Nunes dos santos fortes, cantava Ella admiravelmente o versículo acima citado, abrindo e fechando lentamente, durante o cântico, o lenço de linho com a effigie do ensaguentado Nazareno. Findo este tocante cântico, o vigário terminava então o Sermão, fazendo a dolorosa despedida da Virgem de Sião àquelle filho unigênito em suas affições e cruéis supplicios, offerecendo-se para acompanha-lo até o Monte Calvário, pedindo finalmente: Misericórdia meu Deus, misericórdia meu Pai, misericórdia meu Senhor (SANTIAGO, 1920, p. 26).

Como se pode perceber pela descrição de Serafim Santiago, um cristovense católico e confesso apaixonado por sua terra natal, na solenidade de Passos as ruas da cidade de São Cristóvão eram transformadas num grande palco, em que se encenavam e encena o drama do Cristo sofredor. Mas as lágrimas na procissão dos Passos denotam ser uma representação feminina. Além de aparece na face da imagem mariana, no sermão o destaque também é para as mulheres, as romeiras descalças e sofridas que buscam exasperadamente o consolo divino. A imprensa sergipana reforçou essa representação:

Seu eloqüente sermão, em voz muito clara e vibrante de fé, foi tão elevado e tão digno do assumpto, que vimos muitos olhos marejados de lágrimas, quando o distincto orador se referiu as amarguras do coração materno suppliciado pelas torturas do grande Martyr, principalmente no trecho magistral em que o illustrado orador invocou os sentimentos affectivos das mães presentes naquelle acto, verdadeiramente tocante (DIÁRIO DA MANHÃ, 1919).

Todavia, a identidade não fica restrita à relação devoto/imagem. O transporte da charola do Senhor dos Passos é um dos momentos definidores da identidade cristovense. Ser cristovense é também poder carregar sobre os ombros a charola dos Passos, não importando a procedência.

Os carregadores do andor constituem então um grupo seletivo, na imensa multidão de devotos. Eles participam de uma experiência íntima com o sagrado. Podemos dizer que se trata do *Homo Christophorus*, ou seja, o romeiro que todos os anos põe sobre os ombros um dos varões da charola do Senhor dos Passos para a trasladação pelas ruas da velha capital. Etimologicamente, Cristóvão significa “aquele que carrega Cristo”. O *Homo Christophorus* é isso, sentir-se cristovense carregando o pesado andor, com o

peso da humanidade (em decorrência dos romeiros agarrados nas bordas). Essa é uma forma de enfatizar aspectos relevantes da procissão. São as faces ocultas dos Passos.

São Cristóvão é a cidade que todos os anos, no segundo final de semana da quaresma, carrega sobre os ombros de seus moradores e agregados o Senhor dos Passos por suas ruas estreitas e tortuosas, simbolizando a Jerusalém dos tempos bíblicos.

Partindo dessas considerações, podemos dizer que a solenidade do Senhor dos Passos em São Cristóvão é uma festa triste, por refletir os dramas da sociedade que dela participa. É uma celebração da dor, dor de um povo pobre, anônimo, excluído, silenciado. Dores sintetizadas na imagem do Senhor dos Passos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Pedro. *Imagem e Peregrinação na Cultura Cristã: um esboço introdutório*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1986.

ALBUQUERQUE, Samuel Barros Medeiros de. *Memórias de Dona Sinhá*. Aracaju: Typografia Editorial/Scortecci, 2005.

ALVES, João Oliva. Manifestações religiosas, folclóricas e efemérides. In: FERREIRA, Jurandyr Pires (org.). *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Vol. XIX. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.

ALVES, Maurício. “Sinos”. In: *Correio de Aracaju*. Ano XIV. Nº 3263. 16/10/1921.

BESSA, Gumersindo. Domingo de reminiscere. In: *Diário da Manhã*. 28-02-1915, nº 1152, p. 01.

BITTENCOURT JÚNIOR, Antônio. *A procissão dos penitentes do Senhor dos Passos: um estudo de comunicação na religiosidade popular na cidade de São Cristóvão no Estado de Sergipe*. Rio de Janeiro, 153. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Universidade do Brasil.

BRASIL. *Sergipe e seus municípios*. Aracaju: IBGE, Livraria Regina, 1944.

CARVALHO, Eliane Maria Silveira Fonseca. *São Cristóvão e seus Monumentos: 400 anos de História*. Aracaju: Governo de Sergipe, 1989.

CRUZ, José. “Aracaju de Outrora: a orquestra de Mestre Cula (contribuição ao estudo do folclore sergipano)”. In: *Revista de Aracaju*. Ano VI. nº 06. Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju, 1957. p. 255-265.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das Religiões*. Lisboa: LBL Enciclopédia, s/d.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trad. Maria Betânia Amorosa. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

—. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LEITE, Rodrigo Reis. *Os ex-votos da Igreja do Carmo de São Cristóvão: uma fonte para a história da cultura popular em Sergipe*. São Cristóvão, 2002. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

MACHADO, Manoel Cabral. São Cristóvão e a procura do tempo perdido. In: *São Cristóvão Dei Rei*. Aracaju: Governo do Estado, 1969.

NUNES, Verônica Maria Menezes. A Procissão dos passos: o ex-voto como "imagem testemunho do milagre". In: *Gazeta de Sergipe*. Caderno A, nº 13239. Aracaju, 15/03/2003.

_____. São Cristóvão mantém tradição religiosa. In: *Gazeta de Sergipe*. Variedade. Aracaju, 27/02/2002.

PAES, Geminiano (1837-1915). “Teus Olhos”. In: *Correio de Sergipe*. 1863. Apud. SAMPAIO, Marta Helena. *Testemunho do Barroco em Sergipe: estudo sobre o patrimônio histórico e o desenvolvimento do turismo na cidade de São Cristóvão (2000-2004)*. São Cristóvão, 2004. 58 f. monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

RIBEIRO, J. Freire. “Cântico em Louvor a São Cristóvão”. In: *Revista de Aracaju*. Ano IV, nº 04. Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju, 1951.

SANTIAGO, Serafim de Santiago. *Anuario Christovense*. São Cristóvão, 1920 (não publicado).
SANTOS, José Nascimento dos. *Museu do ex-voto de São Cristóvão: análise da exposição de longa duração*. São Cristóvão, 2004. Monografia (Licenciatura em História), DHI, CECH, UFS.

SILVA, Clodomir de Souza e. *Álbum de Sergipe*. Aracaju: Governo de Sergipe, 1920.

SILVEIRA, Jonot. "São Cristóvão de minha saudade". In: *São Cristóvão Del Rei*. Aracaju: Governo do Estado, 1969.

SOUZA, Fábio Silva. *Arqueologia do cotidiano: um flaneur em São Cristóvão - SE*. São Cristóvão, 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia) NPGED, UFS.

TELLES, Manuel dos Passos de Oliveira. “Ao Romper do Século XX: o município de S. Christovam”. In: *O Estado de Sergipe*. Mar/Abr, 1917.

UCHOA, Jouberto (org.). *Sergipe Panorâmico: geográfico, político, histórico, econômico, cultural, turístico e social*. Aracaju: UNIT, 2002.

VILELA, Iêda Maria Leal. *Aspectos históricos, artísticos, culturais e sociais da cidade de seio Cristóvão*. Aracaju: SECMA; SERCE MEMÓRIA, 1989.